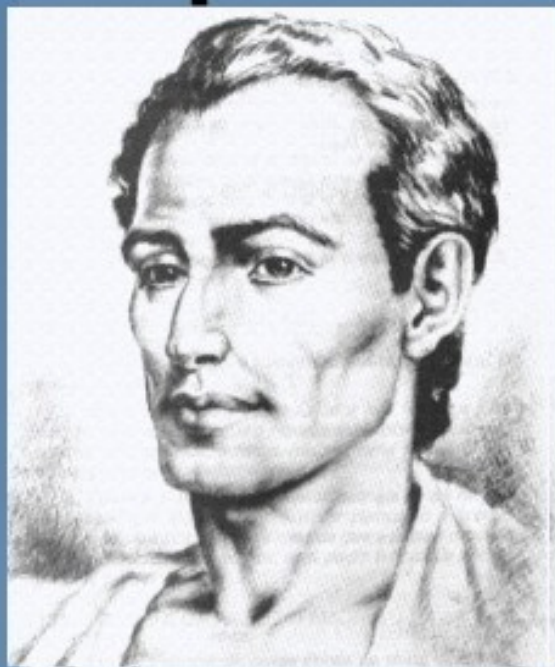


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XLIV – Na grande barreira

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo XLIV – Na grande barreira	O Consolador	04
Complementos		
O Tesouro dos Espíritos	O Consolador	06
Evitar os Espíritos maus	O Consolador	08
Atitudes	O Consolador	10

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

Na grande barreira

Reunião pública 19/06/1959

Questão 159

A crônica terrestre costuma anotar esse ou aquele acontecimento em torno da morte dos chamados “grandes do mundo”.

Carlos V, da Espanha, soberano de vasto império, termina os seus dias na penumbra do claustro, experimentando o féretro que lhe carregaria o corpo para o sepulcro, à feição de obsesso vulgar.

Elisabeth 1^o, da Inglaterra, depois de manobrar largamente o poder, separa-se do trono, rogando, desesperada:

— “Senhor, Senhor, cedo todo o meu reino por um minuto a mais de vida!”.

Molière tem os próprios restos sentenciados ao abandono.

Napoleão, o estrategista coroado imperador, plasmou com punhos de bronze O temor e a admiração em milhões de súditos, mas não soube guerrear o câncer que lhe exauriu a força vital na solidão de Santa Helena.

Comte, o fundador do Positivismo, superestimando o próprio valor, grita desapontado, perante a fronteira de cinza:

— “Que perda irreparável”!

Mas assim como os reis e os conquistadores, os filósofos e os artistas se despedem da autoridade e da fama, legiões de criaturas, de todas as procedências e condições, deixam a Terra, todos os dias.

Despojadas dos empréstimos que lhes honorificavam a existência, ante a grande libertação guardam somente o resultado das próprias obras.

Nem posses, nem latifúndios...

Nem títulos, nem privilégios.

Nem armas, nem medalhas...

Nem pena que fira, nem tribuna que amaldiçoe...

Nem depósitos bancários, nem caderneta de cheques na mortalha sem bolso...

Imobilizam-se e dormem...

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

E acordam buscando os planos em que situaram os sentimentos, dando a impressão de estranha ornitologia, nas esferas do espírito.

Almas nobres e heroicas renascem da letargia, quais pombos viandeiros, remontando à glória do firmamento.

Corações dedicados à virtude e à beleza recobram a atividade como andorinhas, sequiosas da primavera.

Preguiçosos despertam, copiando o insulamento das corujas que se aninham na escuridão.

Viciados e malfeitores diversos ressurgem, à maneira de abutres, espalhando entre os homens os germens da peste.

Faladores impenitentes reaparecem, de praça em praça, a repetirem solenemente conceitos que lhes vibravam na pregação sem obras, lembrando a gritaria inconsequente do bem-te-vi.

Homicidas e suicidas, semelhantes a marrecos desavisados, reabrem os olhos nos abismos serpentários a que se arrojam por gosto.

Não te esqueças, assim, de que terás também a boca hirta e as mãos enregeladas, na grande noite, e acende, desde agora, a luz do bem constante, na rota de teus dias, para que a sombra imensa te não furte ao olhar a visão das estrelas.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

O Tesouro dos Espíritas

114. Não devemos olvidar nunca que na Terra jamais teremos a paz completa e que, se alguma vez chegarmos a senti-la, será de pouca duração. Por isso, quando formos atormentados por estados como esses, devemos ser fortes, resistir e opor-lhes serenidade, paciência e calma sem limites. (O Tesouro dos Espíritas, P. 127).

115. A tentação por pensamento não nos causa tanto sofrimento como a possessão. Para combater esta, devemos extirpar as nossas paixões, os nossos vícios e desejos ilícitos. Ela começa assim: o Espírito das trevas faz que nossos pensamentos e desejos ilícitos provoquem sensações e excitações, quando se apresenta uma ocasião favorável. Temos então de cerrar as portas do pensamento a toda ideia que represente uma infração da lei divina. (P. 128)

116. Se o espírita, que aspira por seguir uma vida nova, não se escudar na oração, no amor, na caridade, com um forte desejo de libertar-se, as coisas se tornam piores do que antes, quando o indivíduo se iniciou no Espiritismo. Eis aí a causa da falência de muitos que começaram e não puderam continuar. (P. 129)

117. É particularmente às pessoas muito aferradas ao dinheiro, aos interesses materiais, que isso acontece. Essa paixão é muito difícil de ser arrancada, é a que mais custa corrigir. Por isso, é muito raro que um egoísta apegado ao dinheiro consiga entrar e manter-se no Espiritismo. (P. 130)

118. Aplica-se aqui a transcendente frase de Kardec: Fora da caridade não há salvação. O indivíduo aferrado aos interesses, materiais tem grandes dificuldades de compreender e aceitar o Espiritismo: eis a barreira que retém a Humanidade. O apego ao dinheiro é sinal evidente de falta de caridade e amor ao próximo. Quem tem esse apego não se encontra em via de realizar grandes progressos. (P. 130)

119. O homem deve procurar atender as suas necessidades, de maneira justa e honrosa; quando elas já estão satisfeitas, não deve exceder-se em ambições e desejos insaciáveis. De tudo quanto puder adquirir, além do necessário, deve fazê-lo apenas por meios estritamente lícitos e do que ajuntar deve distribuir grande parte aos necessitados. (PP. 130 e 131)

120. Devemos lembrar-nos de que a felicidade não está na Terra, mas no Espaço, competindo-nos, pois, fazer todo o possível para enriquecer o nosso Espírito com virtudes e boas obras, certos de que um dos nossos maiores inimigos é o amor ao dinheiro, isto é, o egoísmo, que é o pior e o mais fatal inimigo do homem. (P. 131)

121. Uma maneira de combater essa paixão e a tentação que a acompanha é fazer os necessitados participantes da nossa poupança. Isso fará que as nossas iniciativas e os nossos trabalhos redundem em benefício dos que sofrem. Quem proceder desta maneira terá a satisfação de possuir algo para o seu bem-estar terreno e para o seu progresso espiritual, pois os seus esforços resultarão na prática do bem. (P. 132)

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

122. Assim, ao realizar um bom negócio ou fazer um trabalho bem pago, deverá imediatamente destinar uma quantia proporcional ao ganho para remediar os males e as necessidades dos que sofrem. (P. 132)

123. Quanto à tentação possessiva, que é aquela em que o Espírito das trevas penetra na própria consciência da criatura, há uma maneira de conhecê-la e combatê-la: basta opor-lhe um estado de consciência baseado no desejo da mais reta justiça. Por exemplo: sentimos repugnância por uma pessoa? Oporemos um espírito de caridade a toda prova. Sentimos um amor excessivo por alguém? Devemos equilibrá-lo pelo senso da reta justiça. (PP. 132 e 133)

124. A tentação, como já foi dito, se manifesta por muitas maneiras; mas, se nos escudarmos num verdadeiro senso de justiça, perceberemos logo a sua presença e poderemos combatê-la. No caso de não podermos afastá-la apenas pela nossa vontade, devemos recorrer à oração, evocando com ardor e fé o nosso Guia espiritual e as influências de Espíritos elevados. (P. 133)

125. Nunca devemos duvidar do auxílio do Alto, pois a estes casos se aplicam as palavras do Senhor: Pedi, e vos será dado; batei e se vos abrirá; vigiai e orai. Enquanto se sofre, é preciso alimentar uma paciência a toda prova, com serena resignação, que é a maneira mais eficaz de desanimar o Espírito tentador. Desse modo, se às tentações soubermos opor sempre um senso de reta justiça, uma paciência e resignação a toda prova, ofereceremos uma barreira ao Espírito das trevas, que nunca poderá induzir-nos ao erro, nem, causar-nos qualquer espécie de transtorno. (PP. 133 e 134)

Angélica Reis, O Tesouro dos Espíritos – O Consolador – N° 168 – 27/07/2010.

Miguel Vives y Vives O Tesouro dos Espíritos, (tradução – J. Herculano Pires).

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

Evitar os Espíritos maus

– Os Espíritos cuja influência é repelida pela vontade do homem renunciam às suas tentativas? “Que queres que eles façam? Quando nada têm a fazer, abandonam o campo. Não obstante, espreitam o momento favorável, como o gato espreita o rato.” (Questão 408, de “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec.).

Todos somos Espíritos. Ora estamos encarnados, ou seja, ocupando um corpo material, ora estamos desencarnados, vivendo na espiritualidade. Num ou noutro estado somos a mesma criatura, portando as virtudes que já adquirimos e carregando os defeitos que ainda não conseguimos abandonar.

Se na Terra nos deparamos, frequentemente, com homens maus que causam grandes prejuízos à humanidade, em todos os aspectos, é muito natural e lógico que, seguindo eles para o mundo espiritual, enquanto não melhoram, continuam a fazer sofrer aqueles que estão sob as suas infelizes influências.

Mas tanto aqui como lá temos a liberdade e recursos para vivermos distantes deles, mas para isso será preciso estar em sintonia com as sábias e justas leis divinas.

No caso específico dos Espíritos, a eles nos ligamos através dos pensamentos que cultivamos e das ações que praticamos. Tanto os bons quanto os maus Espíritos nos identificam por esses dois fatores.

Portanto, para vivermos distantes das investidas nocivas oriundas dos Espíritos inferiores que atuam causando dissabores e sofrimentos à humanidade, indispensável se torna pautarmos a nossa vida pelos caminhos da dignidade, honestidade e honradez.

Cria um círculo de proteção ao redor de si a criatura que direciona seus dias no clima da fraternidade, solidariedade e amor ao próximo. Assim, os Espíritos malfeitores que alimentam o desejo de prejudicá-la de alguma forma, deparam com tal escudo, ficando sem ação ante a barreira que encontram. E, diante da dificuldade de impetrar seus intentos, abandonam o alvo.

Mas é preciso manter tal comportamento, pois que esses desencarnados perversos não desistem com facilidade, ficam esperando um possível momento de descuido, de invigilância, para dar o bote e executar os malsãos projetos que trazem em mira.

A prática do bem, a qualquer hora e em favor de qualquer pessoa, será sempre a nossa maior defesa contra as investidas dos Espíritos imperfeitos. Como eles buscam a sintonia com os seus afins, por certo não encontrarão o nosso endereço, pois que estaremos, vibrando em faixa bem diferente da deles.

Não podemos olvidar. Viver a existência terrena de forma indiferente, inconsequente e irresponsável, sem dúvida, será deixar uma porta escancarada, possibilitando a entrada dos irmãos infelizes que não titubearão em nos causar grandes danos, que nos abrirão rios de sofrimentos.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

Obviamente, a escolha será sempre nossa, pois que temos a liberdade de determinar os nossos caminhos, e, naturalmente, colheremos os reflexos dessas deliberações. Em verdade, ninguém tem culpa pelas dores que carregamos, uma vez que elas nascem das decisões que tomamos como também temos o mérito pelas alegrias que registramos.

Portanto, se realmente queremos distância dos Espíritos inferiores, mensageiros de más notícias, pratiquemos o bem, sempre o bem, e nossas vibrações possibilitarão a chegada dos Espíritos superiores, portadores da mensagem da esperança, da alegria, do bem-estar e da paz.

Nada melhor para evitar a presença dos maus Espíritos ao nosso redor do que atrair a presença dos bons. O mal não resiste à presença do bem.

Reflitamos.

Waldenir Aparecido Cuin, Evitar os Espíritos maus – O Consolador – Nº 198 – 27/02/2011.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLIV)

Atitudes

Todo relacionamento, para se tornar duradouro, deve acontecer sobre as bases do respeito mútuo e da valorização daquelas pessoas com as quais nos relacionamos.

Quando não nos orientamos pela simples regra do bem viver, que é extensão do ensino de Jesus, “não devemos desejar para os outros aquilo que não queremos para nós”, no relacionamento prevalece o egoísmo e cada um torna-se defensor incondicional dos seus direitos, indiferente à necessidade de cumprir deveres; exige atenção, mas trata o outro com indiferença. Desta forma, as bases de sustentação do relacionamento, sob os efeitos destruidores das ofensas e mágoas que se avolumam, enfraquecem, e o resultado é a ruína.

Se compreendêssemos o real efeito de nossas atitudes sobre os outros, pensaríamos bastante antes de agirmos.

As repetidas ações impensadas que ferem o nosso semelhante, comportam-se como o martelo sobre a pedra – por mais dura que seja esta, sob a ação de repetidas marteladas sofrerá os efeitos na sua estrutura interna, embora estes não possam, a princípio, ser observados na superfície; no entanto, depois de um certo tempo, a pedra se partirá. Alguém poderá pensar que o fenômeno ocorreu como consequência da última martelada, mas, na verdade, ele foi resultado das repetidas ações de agressão e desrespeito.

Quantos relacionamentos desfeitos, como consequência das grosserias e humilhações que cometemos e que os pedidos de desculpas, embora atenuando seus efeitos, não conseguem apagar totalmente. A princípio, são marcas superficiais, contudo, as repetidas ações impensadas, tornam-nas profundas. E o mais lindo, sonho transforma-se em pesadelo. A mais nobre esperança transforma-se em desencanto e a alegria, como fumaça sob a ação do vento, desaparece. De resto, permanece apenas o ressentimento, como barreira intransponível para o recomeço.

Um dia, a vida com sua mágica irresistível, desperta-nos para uma realidade insuportável: estamos sós! Angustiados, perguntamos: – por quê?

E do mais recôndito de nossa consciência, uma resposta silenciosa aflora: “A cada um segundo as suas obras”.

Pensemos antes de agir. Ajamos somente depois de pensarmos nos efeitos de nossas ações. Até mesmo a palavra que iremos, pronunciar, deve ser submetida a uma prévia apreciação, pois seus efeitos poderão ser como o orvalho, que fecunda corações, produzindo frutos de simpatia e amizade, ou tempestade cruel, deixando rastros de mágoas e antipatias.

É lei da vida: “Não devemos fazer aos outros, o que não queremos que os outros nos façam”.

F. Altamir da Cunha, Atitudes – O Consolador – Nº 23 – 21/09/2007.